

IDENTIFICAÇÃO DO PAPEL DA ESCOLA NA EDUCAÇÃO SEXUAL DOS JOVENS (Identification of school's role in sexual education of youngsters)

Isilda Teixeira Rodrigues

Depart°. Ciências da Educação da UTAD - Portugal

Alice Fontes

Depart°. De Geologia da UTAD - Portugal

Resumo

Este estudo integra uma investigação mais ampla no âmbito da Promoção e Educação para a Saúde e centra-se essencialmente na identificação do sucesso da Escola na educação da sexualidade dos jovens, prestes a terminar o ensino secundário. Tem como principal objectivo - identificar os conhecimentos básicos que os alunos possuem, no final de 12 anos de escolaridade, sobre a morfologia dos aparelhos reprodutores feminino e masculino, sobre métodos contraceptivos e sobre doenças de transmissão sexual (DTS). A amostra de estudo envolve 571 alunos que frequentavam o 12º ano de escolaridade. Utilizou-se, para recolha de dados um questionário. Os alunos da amostra, globalmente revelaram poucos conhecimentos sobre a temática da educação sexual e verificou-se que a Escola desempenhou um papel pouco significativo, como agência de educação sexual dos jovens que constituíram a amostra de estudo.

Palavras-chave: educação sexual; escola secundária; ensino de ciências.

Abstract

The work we are presenting gives particular emphasis to the identification of the school success in the sexuality of young people who are about to leave high school. The main objective of this study is: a) to identify the basic knowledge that students have at the end of twelve years at school about the morphophysiology of the feminine and masculine reproductive organs, about contraceptives and about diseases of sexual transmission (DTS). The sample of study was formed by 571 students who were in the 12th Form. To gather enough data we used a questionnaire. The students of the sample of study demonstrated little knowledge about sexual education. We can conclude that school has played a role of little importance as agent of sexual education for these young people of the sample.

Key-words: sexual education; secondary school science teaching.

1 - Contextualização do estudo

1.1 - Introdução e Identificação do Problema

Tendo como pressuposto o recente movimento que se tem desenvolvido a nível mundial de, por um lado promover um maior nível de saúde nas populações, e por outro se considerar os jovens como um grupo vulnerável, que evidencia entre outros, problemas relacionados com a sexualidade, tais como o início de uma vida sexual activa, gravidez não desejada e doenças sexualmente transmissíveis, pareceu-nos importante verificar até que ponto a Escola tem sido uma agência bem sucedida na educação sexual dos jovens, que a frequentam 12 anos, dispondo especificamente para os alunos do Agrupamento 1 (Científico-Naturais) de três espaços curriculares para educação sexual formal, em três anos de escolaridade - 6º ano, 8º ano e 11º ano, e para os alunos dos Agrupamentos 2 (Artes), 3 (Económico-Sociais), 4 (Humanidades) e Cursos Tecnológicos de 2 espaços curriculares - 6º ano e 8º ano.

O termo educação sexual é ainda hoje objecto de múltiplos entendimentos ao nível do seu significado, dos seus conteúdos, da sua eficácia e consequências. Fala-se em educação sexual e informação sexual; fala-se em educação sexualizada, fala-se ainda em educação sexual e educação afectivo-sexual. Ora se encara a educação sexual como um processo marginal à construção da identidade sexual, ora se aponta aquela actividade como elemento essencial na reforma dos costumes.

O certo é que a educação sexual, nomeadamente a sua inclusão nos currículos escolares é ainda um tema polémico, objecto de pressão e negociação política (Vilar, 1987).

A história da educação sexual é pois recente, é protagonizada por diversos actores sociais entre os quais: Igreja Católica, classe(s) política(s), as associações de pais, os professores e escolas, e os movimentos e grupos que de algum modo têm a sexualidade como tema de intervenção.

As doenças sexualmente transmissíveis e a gravidez na adolescência, têm sido uma preocupação de muitos investigadores estrangeiros e portugueses. Esta problemática alertou para a necessidade de existir na Escola um espaço formal onde os alunos tivessem oportunidade de colocar as suas questões, pois constatamos em alguns livros e artigos sobre o assunto que cada vez mais cedo os jovens têm uma vida sexualmente activa (Lopez *et al.*, 1986; Sampaio, 1987; Rodrigues e Fontes, 1998; Ruela, 1999). Consciente da importância da educação sexual escolar, nomeadamente pelo facto desta proporcionar aos jovens um desenvolvimento mais equilibrado da sua personalidade, possibilitando-lhes opções mais responsáveis sobre a sua própria sexualidade, optámos pela realização deste estudo.

1.2 - Objectivos e Hipótese de estudo

Sendo a Escola um espaço oficial de escolarização, onde os jovens passam um grande número de horas por dia, onde iniciam por vezes as suas relações afectivas e onde a educação sexual tem um espaço curricular formal, tem extrema importância saber até que ponto a Escola cumpre a sua função na educação da sexualidade dos jovens.

Posto isto, o nosso estudo tem como principal objectivo:

1 - *Identificar os conhecimentos básicos que os alunos possuem, no final de 12 anos de escolaridade, sobre a morfofisiologia dos aparelhos reprodutores feminino e masculino, sobre métodos contraceptivos e sobre doenças de transmissão sexual (DTS).*

De acordo com o objectivo principal deste estudo foi formulada a seguinte hipótese:

- *Os alunos que terminam o ensino secundário possuem conhecimentos insuficientes sobre temáticas relacionadas com a educação sexual.*

2 - Metodologia

2.1 - Descrição do estudo

Tendo como pressuposto o movimento a nível mundial de promover um maior nível de saúde nas populações e de considerar os jovens como um grupo social vulnerável, com problemas, entre outros, relacionados com a sua sexualidade, com o início da vida sexual activa, gravidez não desejada e doenças de transmissão sexual (DTS), pareceu-nos importante verificar se a Escola tem

sido uma agência bem sucedida na educação sexual e na mudança dos comportamentos dos jovens que a frequentam durante 12 anos.

Apesar da educação sexual dever coexistir com todos os outros tipos de educação, a partir do nascimento, optou-se por situar este estudo no 12º ano, ano terminal do ensino secundário, por ser o último ano que os alunos frequentam o ensino secundário, e ser portanto, o espaço curricular mais adequado para identificar os conhecimentos que os alunos detêm no final do ensino secundário. A opção por este estudo deve-se ao facto de o trabalho que desenvolvemos nos confrontar com problemas relacionados com a educação sexual e termos detectado que a informação sexual dos adolescentes é habitualmente reduzida e, por vezes incorrecta identificando-se, muitas vezes, conceitos alternativos dos alunos, que lhes podem trazer consequências nefastas para a sua saúde, para a sua sexualidade, e para a sua vivência futura.

A recolha de dados foi feita através de um questionário que foi aplicado aos alunos directamente pela autora do estudo, para que não fossem prestadas informações aos alunos no acto do preenchimento, o que falsearia a investigação.

Em cada uma das 29 turmas que constituíam a amostra, foram distribuídos os questionários e recolhidos após as respostas, pela autora do estudo, o que permitiu uma taxa de retorno de 100%. A aplicação decorreu durante Janeiro de 1998 nas turmas do 12º ano de cada escola. Os dados recolhidos foram, para cada aluno, a idade, o sexo, estado civil, o regime frequentado, área de frequência (agrupamento 1, 2, 3, 4 e Cursos Tecnológicos) e a escola frequentada durante o 12º ano e ainda a percepção sobre os conhecimentos e sobre os comportamentos dos alunos relacionados com a educação sexual.

2.2 - Amostra e Instrumento de Estudo

A população para ser estudada nesta investigação seria constituída pelos alunos que no ano lectivo 1997/98 frequentavam em todo o país o 12º ano. Porém as limitações espaciais e temporais que se colocavam fez-nos optar por retirar da população, uma amostra de estudo deliberada, circunscrita a todos os alunos que frequentavam o 12º ano num concelho do interior do país.

Esta amostra, para o concelho em estudo, é uma amostra representativa, uma vez que coincide com a população do referido concelho, mas provavelmente não o será à escala nacional. As características do meio escolar do interior norte do país, com corpo docente bastante instável são necessariamente diferentes das que se podem observar, por exemplo nas grandes cidades, onde o corpo docente se apresenta bastante mais estável. A amostra de estudo é portanto uma amostra deliberada, constituída pelos alunos que frequentam o 12º ano de escolaridade do agrupamento 1, agrupamento 2, agrupamento 3, agrupamento 4, e dos cursos tecnológicos das quatro escolas secundárias existentes no concelho seleccionado para o estudo no ano lectivo de 1997/98.

A amostra é constituída 571 alunos distribuídos por 29 turmas. Os alunos envolvidos na investigação são 316 raparigas e 255 rapazes, cujas idades, dos alunos que frequentam o regime diurno, variam entre os 16 anos e os 22 anos, sendo a média de 17,7 anos; a idade dos alunos que frequentam o 12º ano nocturno varia entre os 20 e os 41 anos. Atendendo a que os alunos que frequentam a disciplina de Ciências da Terra e da Vida (C.T.V.) do 11º ano de escolaridade, tiveram acesso a mais conhecimentos relacionados com a temática em estudo, dividimos os alunos em duas sub-amostras: os alunos em cuja *área científica existia C.T.V. (Ciências)* e os alunos em cuja *área científica não existia C.T.V.* designados neste estudo por *Outros*. O número de alunos que frequentaram a disciplina de C.T.V. no 11ºano, era de 366; os que enveredaram pelas outras áreas - agrupamentos 2, 3 e 4, e cursos tecnológicos, eram em número de 205.

O instrumento utilizado neste estudo, para a recolha de dados, foi um questionário que foi elaborado pela autora do estudo e devidamente validado, através da opinião de três juizes da área da Educação e da Saúde. Este questionário foi também aplicado, para validação a duas turmas do 12º ano do 1º agrupamento (alunos *com a disciplina de C.T.V.*), e a duas turmas do 12º ano do 4º agrupamento (alunos que *não tiveram a disciplina de C.T.V.*) de uma escola secundária pertencente a um outro concelho, mas com características semelhantes ao concelho onde se realizou o estudo.

Tendo em conta o tamanho da amostra (571 alunos) optámos pela utilização do questionário porque, além de se tornar mais fácil a sua aplicação, oferecia um grau de confiança aceitável, embora reconheçamos que limita a variedade de questões.

3 - Apresentação e discussão dos resultados

Esta apresentação será efectuada sob a forma de tabelas e gráficos, que incluem os itens que são objecto de interpretação e análise, neste estudo. As tabelas são feitas em função da frequência (o número de respostas obtidas) e da respectiva percentagem. Embora tivéssemos a intenção de considerar a variável *Escola* verificamos, ao analisar os resultados, que não havia diferenças entre os dados recolhidos entre as diferentes escolas seleccionadas para o estudo, pelo que os resultados serão sempre analisados em conjunto (571 alunos).

A informação acerca dos aparelhos reprodutores feminino e masculino métodos contraceptivos e doenças de transmissão sexual (DTS)

3.1 - Percepção dos alunos sobre a morfologia dos aparelhos reprodutores feminino e masculino

A apresentação dos resultados da questão, sobre as percepções dos alunos sobre a *morfologia dos aparelhos reprodutores feminino e masculino* é feita na tabela 1., Todos os alunos da amostra (*Ciências/Outros e Rapaz/Rapariga*) demonstraram grande desconhecimento sobre a morfologia dos aparelhos reprodutores feminino e masculino.

Considerou-se como resposta certa a resposta dos alunos que além *de desenharem o aparelho reprodutor feminino e masculino os legendaram* correctamente. As respostas consideradas incompletas seriam todas aquelas em que os desenhos e/ou as legendas estivessem incompletas.

Tabela 1 - Percepção de todos os alunos da amostra de estudo sobre *a morfologia dos aparelhos reprodutores feminino e masculino*.

N=571

Morfologia dos aparelhos	Resposta certa		Resposta incompleta		Não respondeu	
	F	%	F	%	F	%
Reprodutor feminino	6	1,0	373	65,3	192	33,6
Reprodutor masculino	2	0,3	355	62,1	221	38,7

Como já referimos, são poucos os alunos que conhecem a morfologia dos aparelhos reprodutores: apenas 1% do total dos alunos da amostra conhece a morfologia do aparelho reprodutor feminino e apenas 0,3% dos alunos conhecem a morfologia do aparelho reprodutor masculino. É de realçar o facto de não haver nenhum aluno que tenha desenhado e legendado correctamente os dois aparelhos reprodutores, apesar de este conteúdo integrar os conteúdos programáticos do 6ºano, do 8º ano e do 11º ano para os alunos do agrupamento 1 (*Ciências*).

Verifica-se também que a maioria dos alunos inquiridos assinalou somente os órgãos externos dos dois aparelhos reprodutores, o que nos parece evidenciar um conhecimento mais relacionado com o senso comum, daquilo que é observável, do que com um verdadeiro conhecimento académico adquirido na Escola.

Verifica-se que, globalmente, os alunos da amostra, no final do ensino secundário mostraram um grande desconhecimento sobre os órgãos que constituem os aparelhos reprodutores feminino e masculino humanos. Constata-se que mesmo o útero, apesar da sua importância, foi um órgão muito pouco assinalado pelos alunos.

Verifica-se que foram no entanto assinalados incorrectamente vários outros órgãos como pertencentes aos aparelhos reprodutores, de onde se destacam os *seios/mamilos* e os *pêlos*. Estes resultados poderão ser indicadores de que a informação adquirida por estes alunos na Escola não foi a mais adequada, já que estes associam as características sexuais secundárias a órgãos dos aparelhos reprodutores (conceitos alternativos). Verificámos também que os alunos possuem menos conhecimentos relativamente ao aparelho reprodutor masculino: 38,7% dos alunos não responderam a esta questão e apenas 0,3% possuem o conhecimento correcto. Todos os alunos da amostra possuem maior conhecimento acerca do aparelho reprodutor feminino (tabela 1). Para a análise e discussão dos resultados consideraram-se como alunos de *Ciências* os alunos que frequentavam o agrupamento 1 (com frequência nas disciplinas de Ciências Naturais de 6º e 8º anos, e Ciências da Terra e da Vida do 11º ano) e como os *Outros* os alunos que frequentaram apenas a disciplina de Ciências Naturais no 6º e 8º e que no 11º ano frequentavam os agrupamentos 2, 3, 4 e Cursos Tecnológicos.

Dos alunos que constituem a amostra (571), verificou-se que apenas oito alunos, (1.4%) dos quais quatro eram *rapazes* e quatro eram *raparigas*, mostraram conhecer a *morfologia dos aparelhos reprodutores feminino e masculino* (tabela 1), pelo que se verificou que a variável *sexo* não influenciou as respostas dadas e portanto não foi estudada separadamente.

Verificámos ainda que, apesar de globalmente o conhecimento ser muito reduzido, apenas seis (1.6%) alunos de *Ciências* (em 366) e dois (0.9%) dos *Outros* alunos (em 205) conhecem a morfologia dos aparelhos reprodutores feminino e masculino. Este facto é mais grave nos alunos de *Ciências*, porque estes possuem, como já se disse, vários momentos em que a abordagem destes assuntos deveria ter sido feita: no 6º ano e 8º ano de escolaridade, na disciplina de Ciências Naturais e no 11º ano na disciplina de Ciências da Terra e da Vida.

Constatámos também, que dos oito alunos que mostraram conhecer a morfologia dos aparelhos reprodutores seis (1.0%) eram *solteiros* e dois (8.6%) eram *casados*.

Podemos concluir que esta situação é preocupante, pois parece que a grande maioria dos jovens e dos casais vivem a sua sexualidade com um conhecimento muito limitado acerca da morfologia do seu aparelho reprodutor e que a Escola pouco ou nada contribuiu para melhorar esta situação.

Os dados sobre o conhecimento dos alunos da amostra sobre *os órgãos que produzem as células sexuais femininas e masculinas*, estão apresentados na tabela 2.

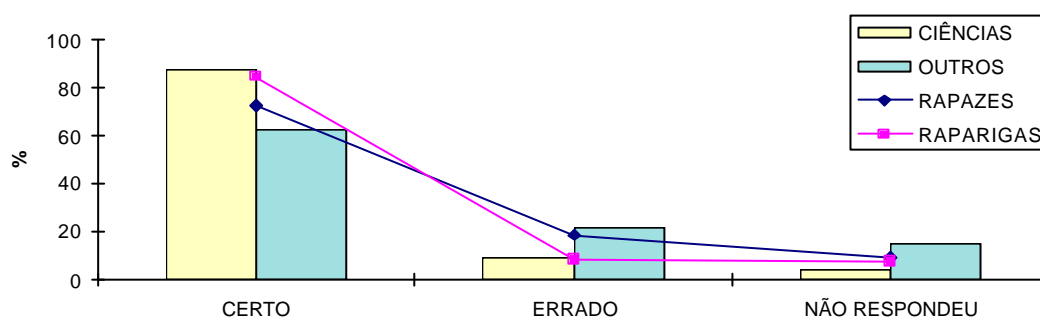
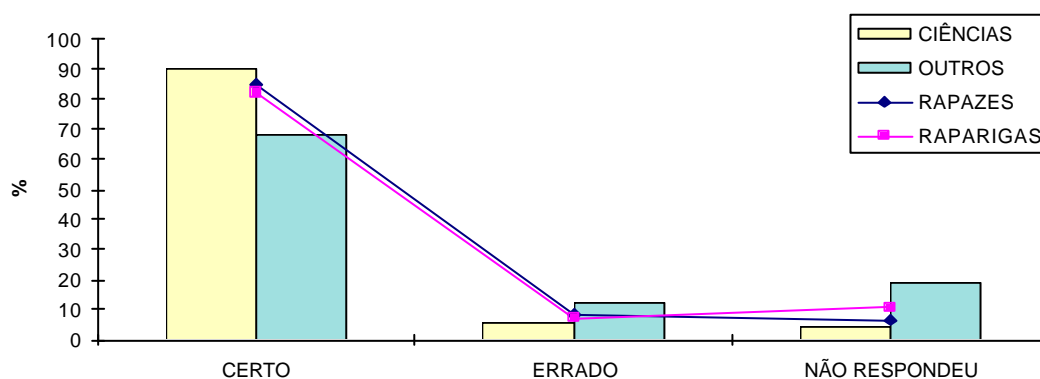
Tabela 2 - Percepção dos alunos sobre os *órgãos onde são produzidas as células sexuais femininas e masculinas*.

N=571

Órgãos produtores De células sexuais	Resposta certa		Resposta errada		Não respondeu	
	F	%	F	%	F	%
Femininas	449	78,3	78	13,7	44	7,7
masculinas	472	82,6	45	7,9	54	9,5

Constatámos que, a maioria dos alunos da amostra de estudo, sabe onde são produzidas as células sexuais femininas e masculinas (tabela 2). Verifica-se ainda, que os alunos cuja resposta estava incorrecta, percentagem equilibrada em todas as escolas, referiram na sua maioria o *útero* e os *óvulos* com sendo o *órgão produtor das células sexuais femininas* e o *pénis* como o *órgão produtor de células sexuais masculinas*.

Analisando as respostas dadas pelos alunos sobre os *órgãos onde se produzem as células sexuais*, relativamente à variável *área de frequência e sexo*, observámos que as raparigas estão mais bem informadas e que existem pequenas diferenças entre os alunos de *Ciências* e os *Outros* alunos. (gráfico 1 e 2).

Gráfico 1 - Percepção dos alunos sobre o *órgão que produz as células sexuais femininas*, em função da variável *área de frequência e sexo*.Gráfico 2 - Percepção dos alunos sobre o *órgão que produz as células sexuais masculinas*, em função da variável *sexo e área de frequência*.

Os alunos de *Ciências* possuem um conhecimento ligeiramente superior sobre este assunto (87,4% de alunos de *Ciências* e 63,0% de *Outros* alunos conhecem os *órgãos onde se produzem as células sexuais femininas* e 90,3% de alunos de *Ciências* e 68,3% de *Outros* alunos conhecem os *órgãos onde se produzem as células sexuais masculinas*) (gráfico 1 e 2). No entanto, uma vez que se trata de conteúdos específicos de disciplinas leccionadas no 11ºano, aos alunos de *Ciências*, era

de supor que os resultados tendessem para uma maior diferença entre estas duas sub-amostras, o que não se verificou.

Tal como se verificou na questão anterior, também aqui se verifica que há uma maior falta de informação sobre conteúdos relacionados com o aparelho reprodutor masculino, neste caso sobre o *órgão onde se produzem as células sexuais e masculinas*.

Observámos ainda, considerando todos os alunos que constituem a amostra, que os alunos *solteiros* manifestaram possuir um conhecimento ligeiramente maior que os alunos *casados* e o mesmo acontece em relação à variável *regime frequentado* (alunos do regime diurno/ alunos do regime nocturno).

3.2 - Percepção dos alunos sobre métodos contraceptivos

Os dados relativos às respostas dadas pelos alunos sobre os *vários métodos para evitar uma gravidez não desejada* estão apresentados na tabela 3. Verifica-se que os alunos têm poucos conhecimentos, acerca dos diferentes métodos contraceptivos, pois a maioria deles apenas refere o *preservativo* (74,1%) e a *pílula* (70,0%); em relação a outros contraceptivos, como por exemplo o diafragma, a laqueação das trompas, o dispositivo intra-uterino, os espermicidas, o método das temperaturas, etc., o desconhecimento é grande, não possibilitando o seu tratamento individualizado (tabela 3).

Tabela 3 - Percepção de todos os alunos da amostra sobre *os vários métodos contraceptivos*.
N=571

Métodos contraceptivos	F	%
preservativo	423	74
pílula	400	70
outros	290	50,8
não respondeu	23	4

De referir também que 35 alunos da amostra total, consideraram o aborto como exemplo de um método contraceptivo. Provavelmente este resultado, pode dever-se ao facto, de nesta altura estar em discussão uma Lei sobre a despenalização do aborto. Os meios de comunicação social e o público em geral discutiam esta questão, nem sempre da forma mais correcta, o que poderá ter levado alguns jovens a considerar o aborto como um método contraceptivo.

Verificámos ainda que, quer em relação ao conhecimento do preservativo quer em relação ao conhecimento da pílula como métodos contraceptivos, existem diferenças relativamente pequenas entre os alunos de *Ciências* e os *Outros* alunos.

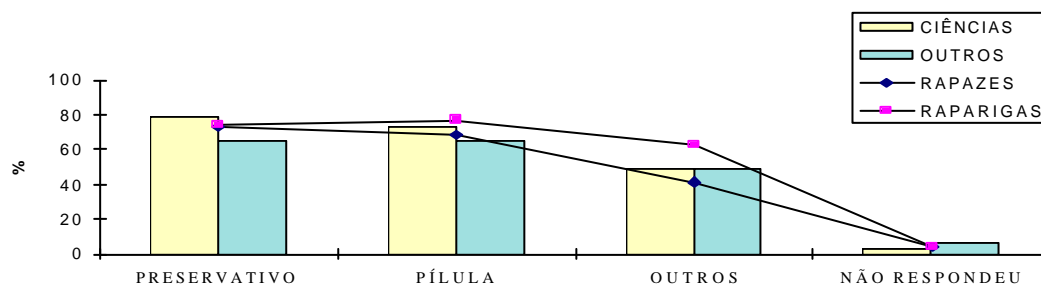


Gráfico 3 - Percepção de todos os alunos da amostra em estudo sobre o conhecimento dos *métodos contraceptivos* em função da variável *sexo e área de frequência*.

Em relação à variável *Sexo*, as *raparigas* possuem mais conhecimento *sobre os vários métodos contraceptivos* existentes: preservativo (rapazes 73,3%, raparigas 74,6%), pílula (68,6% rapazes, 77,2% raparigas) (gráfico 3). A pílula foi mais referida pelas raparigas, o que pode dever-se ao facto de maioritariamente serem as raparigas a tomar medidas contraceptivas, das quais se destaca a pílula como uma das mais eficazes na prevenção de uma gravidez.

3.3 - Percepção dos alunos sobre doenças de transmissão sexual (DTS)

Analisar-se-ão um conjunto de questões onde se pretende inferir a percepção dos alunos da amostra do estudo, *sobre as doenças de transmissão sexual (DTS)*. Da análise à questão, onde se pretendia que os alunos referissem as DTS que conheciam, os dados mostram que praticamente todos os alunos da amostra identificaram a SIDA como uma DTS, mas em relação a outras doenças de transmissão sexual os resultados ficaram muito abaixo do que supúnhamos: a Hepatite B foi somente referida por 35,2% alunos da amostra (tabela 4). Foram ainda referidas pelos alunos, várias outras DTS, como sejam a gonorreia e a sífilis, mas a sua representação é muito pequena. Verificámos ainda o desconhecimento relativo a esta questão, quando, por exemplo alguns alunos consideraram a diabetes, o cancro, a tuberculose como doenças de transmissão sexual.

Tabela 4 - Percepção dos alunos da amostra sobre *as DTS que conhecem*.
N=571

Doenças de transmissão sexual	F	%
SIDA	524	91,7
Hepatite B	201	35,2
outras	91	15,9
não respondeu	33	5,7

Considerando a *área de frequência* dos alunos, foram observadas algumas diferenças entre os alunos de *Ciências* e os *Outros* alunos relativamente ao *conhecimento das várias DTS*. De facto, a maioria dos alunos de *Ciências* e os *Outros* alunos consideraram a SIDA com uma DTS. A hepatite B foi também considerada por uma percentagem menor de alunos, mas relativamente equilibrada entre os alunos *Ciências* e os *Outros* alunos (gráfico 4).

De acordo com o que já foi anteriormente apresentado os alunos inquiridos neste estudo, possuem razoável conhecimento sobre *SIDA - agente, prevenção e transmissão*, mas o mesmo já não se verifica em relação à *Hepatite B*, patologia com ocorrência em Portugal e muito relacionada com comportamentos sexuais.

Quando analisamos os resultados da questão - *o agente causador da SIDA* e da questão *o agente causador da Hepatite B*, em função da *área de frequência*, as diferenças tornaram-se bem visíveis, como mostram os dados obtidos: 92,0% dos alunos de *Ciências* e 71,7% de *Outros* alunos referiram correctamente o *agente responsável pela transmissão da SIDA*, enquanto que somente 60,9% de alunos de *Ciências* e 44,3% de *Outros* alunos referiram correctamente o *agente responsável pela transmissão Hepatite B* (gráfico 4), o que mostra um maior desconhecimento sobre esta matéria.

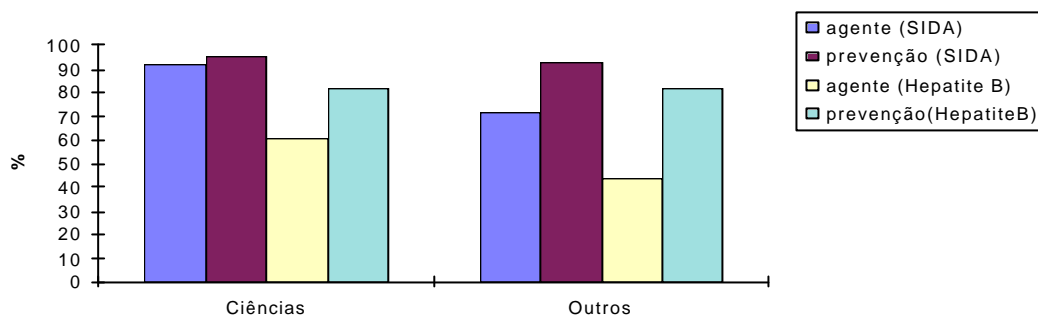


Gráfico 4 - Percepção dos alunos (por área de frequência) sobre o agente de transmissão e a prevenção da SIDA e da Hepatite B.

Inquiridos os alunos sobre a *prevenção* destas duas DTS's, verificou-se que uma grande percentagem dos alunos da amostra (93,6% e 95,3%) sabe como se pode *prevenir a SIDA*. Em relação à *prevenção da Hepatite B* esse conhecimento é menor, tanto para a sub-amostra dos alunos de *Ciências* (81,9%) como para os *Outros* alunos (81,9%)(gráfico 4).

A hipótese explicativa para estes resultados poderá ser o efeito dos *media*, relativamente ao relevo que têm dado à SIDA. Na verdade, nestes últimos anos, nomeadamente a televisão, os jornais e a rádio, têm sido o palco de uma intensa campanha de informação sobre a SIDA, enquanto que à Hepatite B não tem sido dado o mesmo destaque.

Os dados mostram ainda que, considerando a variável *sexo*, e em relação ao *agente responsável pela transmissão da SIDA*, não se verificam diferenças entre *rapaz/rapariga*; quanto ao *agente responsável pela Hepatite B*, embora o conhecimento dos alunos, seja inferior ao que possuem sobre SIDA, são as *raparigas* que têm mais conhecimento: 58,2% de *raparigas* responderam que a *Hepatite B é provocada por um vírus*, em oposição a 51,0% dos *rapazes*. Observámos ainda que ambos os sexos possuem conceitos incorrectos acerca desta matéria, já que um número considerável de *rapazes* e de *raparigas* consideraram que a *Hepatite B é provocada por uma bactéria e que é uma doença de transmissão hereditária*.

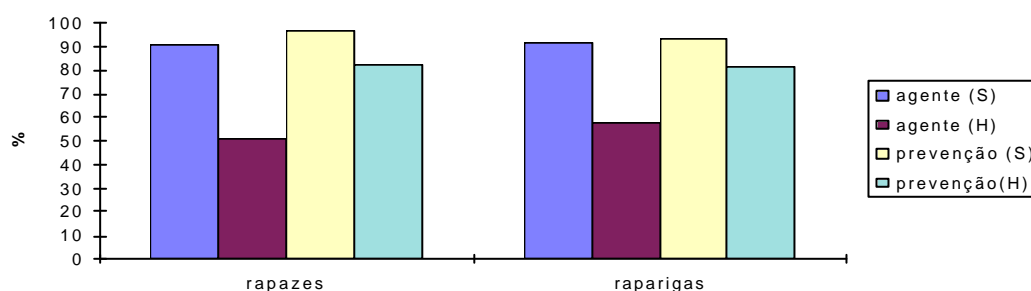


Gráfico 5 - Percepção dos alunos da amostra sobre o agente e a prevenção da SIDA e da Hepatite B, em função da variável *sexo*.

Relativamente à *prevenção* destas duas DTS's, os dados mostram que aproximadamente 90,0% dos alunos, tanto *rapazes* como *raparigas*, sabem como se *prevenir da SIDA*. Uma vez mais encontramos um ligeiramente inferior (cerca de 82,0% em ambos os sexos), quando nos referimos à *prevenção da Hepatite B* (gráfico 5). Notou-se ainda que alguns elementos da amostra consideraram o preservativo, em detrimento da vacinação, como o meio de prevenção desta doença, o que revela um desconhecimento sobre a prevenção da Hepatite B.

Tal como nas questões anteriores, relativas a esta temática, grande parte dos alunos em estudo, manifestou conhecer como é feita a *transmissão* da SIDA se pode fazer através do sangue,

da utilização de seringas e de relações sexuais desprotegidas. Relativamente à *transmissão* da Hepatite B, os resultados são influenciados pela *área de frequência*: constatou-se que esse conhecimento era inferior nos *Outros* alunos, comparativamente aos alunos de *Ciências* (gráfico 6 e 7).

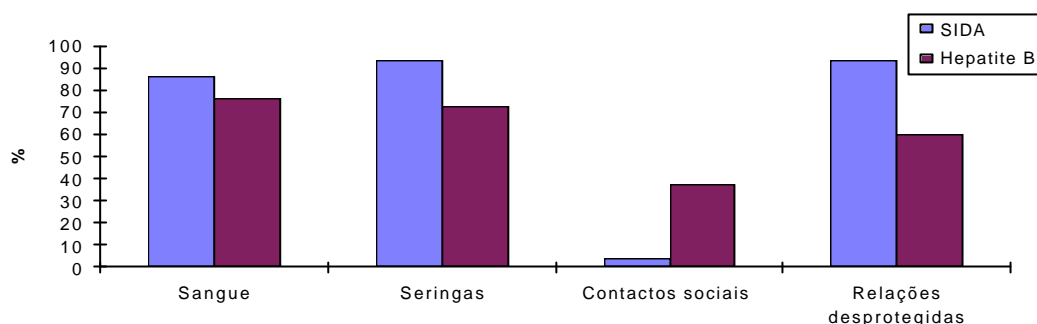


Gráfico 6 - Percepção dos alunos da amostra em estudo sobre a *transmissão da SIDA e da Hepatite B* em função da *área de frequência (Ciências)*.

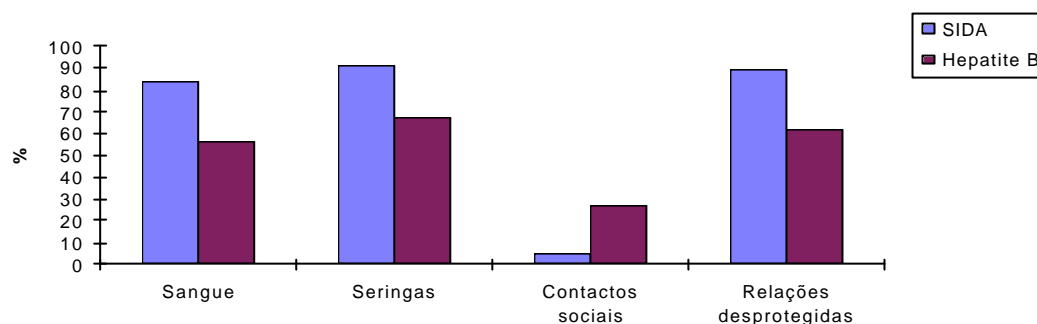


Gráfico 7 - Percepção dos alunos da amostra em estudo sobre a *transmissão da SIDA e da Hepatite B* em função da *área de frequência (Outras áreas)*.

De referir ainda que sobre esta questão, alguns dos alunos manifestaram a concepção alternativa de que a transmissão da SIDA se poderia fazer através de contactos sociais com pessoas infectadas; Apenas alguns alunos de *Ciências* (37,9%) e alguns dos *Outros* de alunos (26,8%) consideraram correcta a transmissão da Hepatite B por contactos sociais com pessoas infectadas (gráficos 6 e 7).

Considerando a variável independente *sexo*, não são visíveis diferenças consideráveis relativas à *transmissão da SIDA e da Hepatite B*.

4 - Conclusão

Os resultados obtidos, embora não nos permitam retirar conclusão nacionais, mostram para a mostra relativa ao concelho estudado, que a Escola não preparou os seus alunos, para esta, problemática, ou seja, foi validada a nossa hipótese de estudo.

Na verdade, e para os alunos da amostra podemos concluir:

- ? os alunos de 12º ano possuem um insuficiente conhecimento sobre a morfologia dos aparelhos reprodutores feminino e masculino e sobre os métodos contraceptivos;
- ? Verificou-se um razoável conhecimento sobre a SIDA, mas o mesmo não se verificou relativamente à Hepatite B e outras DTS's;

- ? Não identificámos diferenças consideráveis entre os conhecimentos dos alunos de *Ciências* e os conhecimentos dos *Outros* alunos, na maioria das questões analisadas;
- ? Verificou-se ainda, que sempre que foi considerada a variável *sexo*, as *raparigas* manifestaram quase sempre possuir mais conhecimentos sobre estes assuntos;
- ? Os dados mostram que o papel da Escola acerca desta problemática foi bastante omissivo e nem sempre a informação que os alunos aí adquiriram foi a mais adequada.

Sendo a Escola um espaço de educação formal, onde os jovens passam um grande número de horas por dia, onde convivem com os seus pares, onde iniciam muitas vezes as suas relações afectivas e onde esta temática tem um espaço curricular formal, os dados mostram que, mesmo na vertente reducionista dos conhecimentos cognitivos, a Escola está longe de cumprir o seu papel; Parece-nos, depois de terminado este estudo que os professores não tomaram ainda consciência da importância e do papel que a Escola pode desempenhar na educação para a sexualidade dos jovens que a frequentam, e de como essa educação é importante para o seu desenvolvimento harmonioso, para o relacionamento no grupo de pares, e para a promoção da sua saúde física e mental.

Pensamos que é tempo de se implementar na Escola uma educação sexual, autêntica, cujos objectivos não se restrinjam apenas à comunicação de informação mas, prossiga objectivos mais vastos e mais integrados de preparação do jovem para a vida adulta.

Referências

- Alferes, V. R. (1997). *Encenações e Comportamentos Sexuais. Para uma Psicologia Social da Sexualidade*. Porto: Edições Afrontamento.
- Campos, B.P. (1991). *Educação e Desenvolvimento Pessoal e Social*. Porto: Edições Afrontamento.
- Claes, M. (1985). *Os problemas da adolescência*. 2ªed. Lisboa: Editorial Verbo.
- Frade, A.; Vilar, D. (1991). Sex Education in Portugal. *Planned Parenthood in Europe*, (nº1 ano 20).
- Frade, A. et al. (1992). *Educação Sexual na Escola - Guia para professores, formadores e educadores*. Lisboa: Texto Editora.
- Gomes, F.A.; Albuquerque, A.; Nunes, J.S. (1987). *Sexologia em Portugal - sexualidade e cultura* Vol II. Lisboa: Texto Editora
- Lopez et al (1986). *Educación sexual en la adolescencia*. Salamanca: Ediciones Universidad.
- Lopez Sanchez, F. (1990). *Educación Sexual*. Madrid: Fundación Universidad-Empresa.
- Meredith, P. (1986). Sexualidade e Contraceção., *Planeamento Familiar*, (33), pp.7-10.
- Miguel, N ; Vilar D (1987). *Afectividade e Sexualidade no Novo Contexto Social e Cultural*. Lisboa: Instituto de Estudos para o Desenvolvimento.
- Oliveira, P. A. S. R. (1996). *Pais, Adolescentes e Promoção de Estilos de Vida Saudáveis*. Universidade de Coimbra - Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação.
- Paulo, F.C. (1995) Educação sexual nas escolas: direito dos pais ou direito dos professores. *In* Sociedade Portuguesa de Ciências. *Ciências da Educação: Investigação e Acção - Actas do II congresso da Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação*. Braga: Universidade do Minho.
- Rodrigues, I. T.; Fontes, A. (1998) Educação sexual dos jovens escolarizados - um caso de insucesso educativo. *Actas do 2º Simpósio Ensino das Ciências e da Matemática*. Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa.

- Rodrigues, I.T. (1999). *A Educação Sexual na Escola - um caso de insucesso educativo*. Dissertação para obtenção do grau de Mestre em Educação Para a Saúde. Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.
- Vilar, D. (1987). Aprendizagem e educação sexual. In Allen Gomes; Afonso de Albuquerque e Silveira Nunes. *Sexologia em Portugal, Vol II - Sexualidade e Cultura*. pp.165-179. Lisboa: Texto Editora.
- Ruela, R. (1999) Tudo o que os seus filhos sabem sobre sexo. *Visão*. (320), pp.108-116.

Trabalho arbitrado para o I Encontro Ibero-Americano sobre Pesquisa em Educação Básica em Ciências (I EIBIEC) realizado na Universidade de Burgos, Espanha, co-patrocinado por *Investigações em Ensino de Ciências*.